

# PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO À GUIA DE INTRODUÇÃO AOS PRESSUPOSTOS ONTO-HISTÓRICOS

POLIANA SILVEIRA FONTELES<sup>1</sup>  
EMANOELA TERCEIRO<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho vincula-se às atividades do projeto de pesquisa intitulado *Horizontes da pesquisa brasileira em psicologia da educação: estado da arte sobre a produção de periódicos científicos no novo milênio*, que vem sendo desenvolvido sob os auspícios do Núcleo de Pesquisa e Extensão – NPE da Faculdade Luciano Feijão. Trata-se de uma pesquisa ainda em fase inicial que pretende averiguar os rumos que a Psicologia da Educação no Brasil tem tomado ao longo desses primeiros anos do século XXI. Para tanto, neste primeiro momento, buscamos entender o homem no seu contexto histórico-social, tomando inicialmente as ideias de Georg Lukács sobre a ontologia do ser social, na qual se diz que o homem foi moldado pelo trabalho, atividade através da qual sempre resulta alguma transformação da realidade. Ao transformar a realidade, o homem também se transforma, adquirindo novos conhecimentos e novas habilidades, que vão se modificando em complexos maiores, como a fala, a ética, a filosofia, o direito, a educação e a psicologia, muito mais elaborados que os simples conhecimentos iniciais oriundos diretamente dos atos de trabalho. É dessa forma que, ao longo da história, a reprodução social se complexifica, lado a lado do desenvolvimento das forças produtivas, as quais, por sua vez, a partir do advento das sociedades de classes, passam também a caracterizar a face da sociedade de exploração do homem pelo homem. O trabalho, desde então, torna-se estranhado, porque ao deixar de ser fruto da prévia ideação do indivíduo que o executa, passa a objetivar o produto das ideias de outrem, daquele que o explora. Com a chegada do capitalismo, ocorre a agudização desse processo de estranhamento do trabalho. A psicologia, como é sabido, nasce no bojo das contradições imanentes à origem e ao desenvolvimento da sociedade capitalista. Por isso mesmo, faz-se mister trazer para o âmbito da pesquisa acadêmica dessa área discussões de tal natureza. Nesse sentido, recorreremos, entre outros, aos estudos de Lukács (1978), Lessa (2007) e Tonet (2006).

**Palavras-chave:** *Homem. Trabalho. Psicologia.*

## INTRODUÇÃO

Para começar, é importante situarmos o contexto de desenvolvimento do presente trabalho. Nossa pesquisa intenciona investigar os rumos que a Psicologia da Educação tem tomado no corrente século. Para tanto, consideramos imprescindível, antes de tudo, adotar uma concepção filosófica de mundo, a fim de não incorrerem em relativismos ou ecletismos teóricos, que via de regra apenas escamoteiam a realidade, com informações parciais e descontextualizadas. Trata-se, então, de uma apresentação dos primeiros resultados aos quais chegamos após o período preambular que antecede a pesquisa propriamente dita, isto é, o período de fundamentação histórico-filosófica. O

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão*. E-mail: polinhazinha@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão*. Mestra em Educação pela *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: manuterceiro@gmail.com

referencial tomado para efeito das discussões que se seguem foi o da ontologia lukacsiana, pois supomos que tal abordagem oferece-nos a perspectiva mais adequada tanto no que tange ao entendimento do homem como ser social, quanto do lugar e da função que cumpre a Psicologia da Educação na história dos homens.

## DISCUSSÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DA ONTOLOGIA LUKACSIANA

Tendo por base inicial a ontologia de Lukács, que tem por objetivo demonstrar a possibilidade ontológica de emancipação humana, abordamos primeiramente as relações entre a sociedade e a natureza. Para entendermos essa relação, segundo Lessa (1999), é preciso caracterizá-la. A natureza é composta por três esferas ontológicas distintas, a *inorgânica*, cuja essência é incessantemente tornar-se outro mineral (por exemplo, uma pedra sozinha não pode originar uma casa); a *orgânica*, cuja essência é repor o mesmo da reprodução da vida (uma goiabeira, por exemplo, sempre produz outras); e a esfera do *ser social*, que se particulariza pela incessante produção do novo, por meio da transformação do mundo, pela apropriação da cultura, de conhecimentos advindos e adquiridos através dos tempos, criando um novo mundo de acordo com nossas necessidades. Apesar de distintas, essas esferas estão intrinsecamente articuladas, já que há, de acordo com Lukács (1978), uma processualidade evolutiva que articula as três esferas entre si: do orgânico surgiu a vida, e desta, o ser social. O homem só pode existir na relação com a natureza, sem a transformação da natureza pelos homens e sem a reprodução biológica, não há sociedade possível.

Conforme Lukács (1978), o trabalho é a categoria fundante do mundo dos homens, atividade através da qual sempre resulta alguma transformação da realidade. O momento de planejamento que antecede a ação, fora denominado pelo filósofo de prévia-ideação, ou seja, o momento onde as consequências são anteriormente vistas na consciência, de maneira que o resultado é idealizado, é projetado na consciência antes de ser exteriorizado. A prévia-ideação é o momento em que os homens confrontam passado, presente e futuro e tencionam, idealmente, as implicações de sua prática. A exteriorização, por sua vez, é a distinção entre sujeito e objeto, que acontece através da objetivação da prévia-ideação, é o momento de transformação da subjetividade. Isso porque, segundo Lessa (1999), ao construir o mundo objetivo, o indivíduo também se constrói, haja vista que ao transformar a natureza, transforma também a si mesmo,

adquirindo novos conhecimentos, habilidades, possibilidades e, conseqüentemente, tornando-se um novo homem, transformando a sua própria natureza. A essência do trabalho está no interior dessas relações entre prévias-ideações e objetivações, entre subjetividade e objetividade. O homem transforma uma causalidade dada pelo mundo em causalidade posta. É esta a relação dialética entre teleologia e causalidade que constitui a sua essência.

Para Lukács, o caráter de totalidade do ser é importante porque permite divisar com clareza um momento fundamental da processualidade do trabalho: ao se inserir na malha de relações e determinações pré-existentes. O objetivo construído a alterar (ainda que minimamente), desencadeando nexos causais (ou seja, uma sequência de causa e efeito) que são, ao mesmo tempo, 1) perpassados por momentos de causalidade e 2) na sua totalidade e no momento da prévia-ideação, impossíveis de serem conhecidos por que ainda não aconteceram. (LESSA, 2011, p. 44)

Dentro dessas relações de trabalho predomina uma malha de outras relações, segundo Lessa (2007), nada existe senão no interior de relações causais, isto equivale dizer que não vivemos sozinhos, nosso crescimento em aspectos sociais e psicológicos, ocorre na interação com o outro, em um contexto histórico e socialmente determinado. Nesse sentido, de acordo com Facci (2004), podemos afirmar que o psiquismo humano é um processo histórico e socialmente produzido. Portanto, estamos sujeitos a mudanças causadas pela intervenção direta ou indireta de outros indivíduos, por determinações estruturais ou por meros acasos o rumo de nossa história percorre caminhos diversos, diferentes do que anteriormente traçamos individualmente. Essas alterações permitem conseqüências e resultados inesperados que resultam em novas necessidades e novas possibilidades, causando novas ideias, novas objetivações e, conseqüentemente, novos objetos que possibilitam novos nexos causais.

De acordo com Lessa (2007), o ser social só pode existir tendo por alicerce as esferas ontológicas anteriores. Explica o autor que um processo de objetivação, para alcançar êxito, deve ter por base um efetivo conhecimento do setor da realidade que se pretende transformar. A *Intentio recta* corresponde ao momento dessa captura do real pela consciência, de modo a dar vida a uma objetivação previamente idealizada. Sem ela, não seria possível o desenvolvimento da ciência. Nesse sentido, devemos entender que, ainda que o trabalho seja a categoria fundante do mundo dos homens, o ser social não se reduz a ele.

Uma teleologia secundária oriunda do trabalho, em termos que não são diretamente vinculados a ele, é a ontologia fictícia, nos apropriamos da cultura que ao decorrer de nossa história nos remete a fontes preciosas de saber, crenças, religiões e costumes, a esta ontologia Lukács deu o nome de *Intentio Obliqua*. É inestimável para o indivíduo que este encontre uma base de apoio espiritual, nascida de diversas necessidades, a busca por dar sentido a vida é um complexo difícil que não pode ser redutível ao complexo do trabalho, o que viabiliza a origem de novas necessidades, sendo estas transformadas em complexos maiores, como a moral, a ética, a religião, a ideologia, a educação e a psicologia, entre outros, que se relacionam com a troca orgânica do homem com a natureza de forma mediada. A sociedade vai deixando de ser uma forma mais simples como fora no início da formação humana, para se tornar cada vez mais complexa e articulada, e junto dela os indivíduos vão acompanhando o desenvolvimento dessa nova forma de sociabilidade.

o aperfeiçoamento do trabalho é uma de duas características ontológicas; disso resulta que, ao se constituir, o trabalho chama à vida produtos sociais de ordem mais elevada. Talvez a mais importante dessas diferenciações seja a crescente autonomização das atividades preparatórias, ou seja, a separação - sempre relativa - que, no próprio trabalho concreto, tem lugar entre o conhecimento, por um lado, e, por outro, as finalidades e os meios. A matemática, a geometria, a física, a química etc., eram originariamente partes, momentos desse processo preparatório do trabalho. Pouco a pouco, elas cresceram até se tornarem campos autônomos de conhecimento, sem porém perderem inteiramente essa respectiva função originária. Quanto mais universais e autônomas se tornam essas ciências, tanto mais universal e perfeito torna-se por sua vez o trabalho; quanto mais elas crescem, se intensificam etc., tanto maior se torna a influência dos conhecimentos assim obtidos sobre as finalidades e os meios de efetivação do trabalho. (LUKÁCS, 1978, p. 8)

Entre os complexos objetivados do mundo dos homens, tem-se a ideologia cumprindo uma função social bastante particular. Ainda segundo Lessa (2007), Marx vê a ideologia como algo que esconderia a realidade das contradições sociais, permitindo assim a dominação da burguesia, facilitada pela máscara que esconde a face da exploração do homem pelo homem. Lukács tende não só a concordar com esta afirmação, mas estendê-la para uma visão ampliada, uma falsa consciência do real. Ideologia, nessa concepção, seria ideação objetivada em parâmetros que favorecessem a organização social e ocultassem o domínio das sociedades mais privilegiadas, ou seja, que justifiquem a exploração do trabalho, evitando dessa forma a consciência de

desigualdade e injustiça, ou seja, uma forma específica de resposta às demandas e aos dilemas postos pelo desenvolvimento da sociabilidade, com a complexificação das relações sociais, por meio da construção de uma interpretação global da vida, de uma visão de mundo. Uma ideação se transforma em ideologia quando cumpre uma função social, ou seja, quando dá um sentido para a ação de cada indivíduo.

O ser das classes, e os conflitos entre elas, passam a permear a ideologia; e ao mesmo tempo, a luta de classes tem na ideologia um de seus momentos mais importantes, posto que ela é decidida, em última instância, no momento em que uma sociedade se nega a objetivar determinados valores e ideações em favor de outros valores e finalidades. Ou seja, segundo Lukács, a disputa para que os indivíduos operem determinadas posições teleológicas e não outras, que correspondam aos interesses dos oprimidos ou dos dominadores, ocorre no campo da ideologia. (LESSA, 2011, p. 70)

Nessa conjuntura, de acordo com Lessa (2011), o trabalho passa a ser uma relação de poder entre os homens, e com isso vão surgindo uma série de complexos que defendem esse poder de um indivíduo sobre os outros, assim surgindo e se desenvolvendo em complexos cada vez mais importantes para a reprodução social – como o Estado, o direito, a política etc. – cujo objetivo é promover a organização das relações sociais e dos homens. O direito, por exemplo, se constitui como um complexo social no momento em que surge a exploração do homem pelo homem, funcionando como instrumento social de legitimação da propriedade privada e, por conseguinte, da exploração. O impulso que determina o desenvolvimento de cada complexo é a evolução do trabalho, que se dá de forma mediada pela totalidade social.

Em suma, a sociedade não se reduz ao trabalho, as próprias novas necessidades resultantes do trabalho produzem novas situações históricas, dando origem a complexos maiores na relação entre os homens, que não mais se limitam ao trabalho enquanto tal. A atividade do trabalho permite o desenvolvimento das capacidades humanas, das forças produtivas e das relações sociais, de tal modo que a sociedade se desenvolve em termos da reprodução social.

A humanidade se constitui por essa via, em um complexo de complexos cuja evolução é crescentemente determinada pela consciência que possui de si própria – sem jamais poder prescindir da reprodução biológica que, para sempre, constituirá sua base ineliminável. Em suma, o complexo de complexos, que é o ser social, segundo Lukács, é muito mais que uma mera totalidade: é uma universalidade potencialmente capaz de conscientemente dirigir sua história. (LESSA, 2011, p. 23)

Por mais que a sociedade se desenvolva ela sempre terá uma base natural, pois sem a transformação da natureza pelo homem e sem a reprodução biológica não há como existir história humana, visto que nosso desenvolvimento humano e social é fruto do trabalho, trabalho este que se complexifica, formando contextos de níveis elevados que se modificam e transformam a realidade.

Sociedades se formam e se transformam, resultado das necessidades adquiridas ao longo das transformações do real, que ínsita o homem a buscar novos conhecimentos e o impulsiona ao desenvolvimento social. É dessa forma que, ao longo da história, a reprodução social se complexifica, lado a lado do desenvolvimento das forças produtivas, as quais a partir do advento das sociedades de classes passaram a caracterizar a face da sociedade de exploração do homem pelo homem. Dessa maneira, o trabalho é corrompido em sua essência, o homem passa a objetivar as ideias de quem o lidera, ele não se vê no trabalho objetivado, este lhe é estranho. Segundo Lessa (2011), estas objetivações, em momentos historicamente determinados, podem se transformar em obstáculos ao desenvolvimento da humanidade, sendo visto como negação da essência humana. Lukács denominou esses momentos de negatividade de alienação. A Alienação é, em síntese, a desumanidade socialmente produzida pelos próprios homens. Segundo Lessa (2007), podemos sinalizar um aspecto positivo e um negativo no desenvolvimento das forças produtivas: o ponto positivo é aquele que nos possibilita o desenvolvimento humano em novos patamares, e o negativo é a pontencialização da capacidade de produzir desumanidades de forma cada vez mais intensa.

Em decorrência da divisão da sociedade de classes, onde somos dominados pelo poderio do capital – pois é o capital e não mais o homem que passa a ser a razão do agir dos indivíduos – a sociedade capitalista se constrói como uma enorme arena, onde os indivíduos não param de lutar entre si, para estes a consciência de que suas ações correspondem ao curso de seus destinos é parte complementar da essência do seu ser.

Para o pensamento moderno, os indivíduos se constroem em permanente confronto com a estrutura social global e com os outros indivíduos, numa dinâmica de disputas pelas quais cada individualidade, ao se constituir enquanto egoísta e competitiva, constrói também uma sociedade desumana, concorrencial. Nessa forma de sociabilidade cada individuo tem na sociedade e nos outros indivíduos uma oportunidade ou obstáculo para acumular capital, e não uma expressão da generalidade humana. (LESSA, 2011, p. 129)



O capital é uma criação humana que se volta contra o criador. Passamos a ser meros cofres para a acumulação de capital, guardiões de mercadorias segundo a afirmação do autor. Esta alienação produzida só pode ser ultrapassada com a superação da ordem social burguesa, da superação da exploração fundada pelo capital.

O desenvolvimento da generalidade humana atinge, então, o ápice de sua trajetória, sob esse aspecto o autor dirá que o desenvolvimento das capacidades humanas atingiu um patamar de desenvolvimento que possibilitou aos homens a nítida percepção de que a história é resultado das ações dos próprios homens, de que somos essencialmente sociais. A sociedade burguesa é a primeira socialmente pura, pois esta se propõe a assumir a História em suas próprias mãos, o destino dos homens passa a pertencer aos homens, não mais aos deuses.

Segundo Tuleski (2004), a psicologia nasce nesse contexto, da necessidade de que o homem fosse descrito, medido e explicado cientificamente. Seu surgimento é ligado às necessidades da sociedade burguesa, que ao colocar o homem como centro de todos os interesses, descartou as explicações metafísicas de todas as coisas.

A psicologia científica vai emergir no bojo das contradições da sociedade burguesa, no momento em que a burguesia deixa de ser classe em ascensão ou revolucionária e assume o caráter de classe consolidada no poder, objetivando a perpetuação da sociedade e, neste sentido, colocando-se não mais na linha do desenvolvimento histórico, mas contra a própria história. Diversas correntes psicológicas que se originaram a partir desse momento carregam consigo a marca desta contradição: a negação do homem como ser histórico. (TULESKI, 2004, p. 126)

De acordo com Tuleski (2004), há na psicologia um caráter essencialmente burguês, já que estabelece e generaliza seu estudo às características psicológicas dessa determinada classe, estabelecendo parâmetros de desenvolvimento que independem da origem social e cultural dos indivíduos. Segundo Bock (2010), essa psicologia é uma psicologia branca, masculina, europeia e burguesa, dessa maneira temos dificuldades em perceber o quanto as construções da psicologia acabam ocultando as desigualdades sociais, porque se aplica o mesmo esquema teórico para qualquer sujeito, de qualquer realidade social, haja vista que ainda estamos presos a conceitos e construções que têm como modelo crianças americanas ou suíças, assim como inicialmente encontrou-se dificuldades ao adentrar nos serviços públicos de saúde por se utilizarem de padrões de trabalho que estavam habituados em utilizar com a elite, porque as técnicas e os

instrumentos eram todos intelectualizados, os recursos de linguagem sofisticados, não servindo para a maioria da população.

Tuleski (2004) salienta que a psicologia nasce e se desenvolve interligada a educação ofertada pela burguesia às classes populares na sociedade capitalista, dessa maneira a psicologia e a educação se fundem e vão convergindo em um núcleo comum, cujo objetivo é mudar e explicar comportamentos, hábitos e ações dos indivíduos sem se preocupar com as práticas sociais que os levaram à tais comportamentos. A psicologia difundida na educação precisaria tratar em especial das habilidades e necessidades sociais de cada indivíduo na realidade escolar, trazendo um benefício que deveria se alargar perante os anos, o da normalidade e igualdade, contudo no plano de nossa realidade, a psicologia educacional não estendeu seus benefícios a todos em tom eficazmente igual.

Analisar a ciência historicamente é analisar a todo instante as contradições que são produzidas em práticas. E analisar a psicologia, que surge no período contra-revolucionário da sociedade burguesa e que permanece até hoje como hegemônica, significa analisar as contribuições desta ciência para a permanência e ampliação das situações produtoras de alienação no indivíduos. (TULESKI, 2004, p.140)

Essa inquietude perpassa os anos e se estende aos dias de hoje, o patrimônio social genérico da humanidade se restringe, em regra, aos mais favorecidos, reduzindo nossa história a valores monetários de aprendizagem e educação. Essa educação tão bem encaminhada pela psicologia não chega a todos, ela banaliza a equidade, tomada pelo domínio capitalista em que estamos implantados. A psicologia nesse contexto precisaria alavancar uma reforma humanitária e social, a “psicologia dos ricos” passaria a se infiltrar nas camadas mais populares, se padronizando a uma educação para todos. Tonet (2006) deixa claro que a formação humana nessa sociedade de classes nada mais é que uma formação de mão-de-obra para o capital, transformando assim o ser humano em mercadoria apta a atender os interesses da reprodução do capital. O trabalhador vende a sua atividade vital para se assegurar dos meios de vida necessários para a sua sobrevivência.

Quando o capitalismo entrou em cena, houve uma profunda mudança nessa ideia da formação humana. Na verdade, houve até uma inversão entre trabalho e formação cultural. O trabalho passou a ser privilegiado como a atividade principal. Não, porém, o trabalho como uma atividade criativa, explicitadora das potencialidades humanas,



mas perpassada pela lógica do ter, terminando por ser uma espécie de cereja no bolo da acumulação da riqueza material. (TONET, 2006, p. 2)

Segundo Tonet (2006), para que o indivíduo torne-se membro do gênero humano tem que passar pela necessária apropriação do patrimônio material e espiritual acumulado historicamente pela humanidade, portanto, todo obstáculo a essa apropriação impede o pleno desenvolvimento do indivíduo como ser integralmente humano. Porém, em uma sociedade de classes, o dinheiro é a medida de acesso, apenas quem tem essa “mercadoria das mercadorias” – o dinheiro – pode ter acesso a esses bens. O autor considera que se pensarmos que a formação moral e ética é uma parte importantíssima nesse processo, veremos que a apropriação centrada no indivíduo e oposta a outros indivíduos induz a uma deformação da personalidade. Pois tal formação leva o indivíduo a aceitar essa forma de sociabilidade, que instiga a cobrança individual, em um sistema onde o mérito pessoal determina a hierarquia, onde só se sobressaem os que têm posse dos conhecimentos exigidos por esta sociedade, ou seja, quem se encaixa no esquema mais chance tem de se sobressair. Estimulando assim a individualidade e a competição, implicando com isso, que o acesso de uma minoria impeça o acesso da maioria.

Se definirmos a formação humana integral como o acesso, por parte do indivíduo, aos bens, materiais e espirituais, necessários a sua autoconstrução como membro pleno do gênero humano, então formação integral implica emancipação humana. Vale dizer, uma forma de sociedade na qual todos os indivíduos possam ter garantido esse acesso. Porém, uma tal forma de sociedade requer, necessariamente, um tipo de trabalho que tenha eliminado a exploração e a dominação do homem pelo homem. Somente uma sociabilidade nessa forma de trabalho poderá garantir aquele acesso. (TONET, 2006, p.6)

Nesse sentido, Lessa (2007) nos leva a refletir sobre uma sociedade onde o desenvolvimento humano fosse livre, ou seja, longe da exploração dos homens pelos homens, sem burocracia. O tempo livre que teríamos para desenvolver a nossa humanidade e aprofundar os nossos conhecimentos, o acesso irrestrito ao mais alto patamar de desenvolvimento – tanto em termos intelectuais quanto materiais – da humanidade lançaria os indivíduos a um processo de autodesenvolvimento sem paralelo na história humana. Nossa imaginação, por mais generosa que seja, não dá para antever o que isto significaria para o livre desenvolvimento das forças produtivas humanas da

sociedade e o grande efeito de bem estar material e espiritual para todo o gênero. De acordo com Tonet (2006), Marx denominou essa forma de trabalho que organiza essa sociedade socialista de “trabalho associado” ou “associação livre dos produtores livres”. Uma forma de trabalho que se distingue pelo comando livre, consciente e coletivo dos produtores sobre o método de produção e repartição da riqueza. O trabalho tornado para o acolhimento das necessidades humanas e não para a reprodução do capital, se transformará numa verdadeira explicitação dos potenciais humanos. Dando condições para um desenvolvimento harmonioso dos diversos aspectos do ser humano. A forma de sociabilidade do capitalismo teria que ser inteiramente superada para que a humanidade pudesse chegar a este patamar superior de sua realização. Tonet (2002) sinaliza que três condições são necessárias para que haja essa transformação revolucionária da sociedade: uma teoria revolucionária, um sujeito revolucionário e uma situação revolucionária. É preciso, para que haja revolução, que elas se encontrem e se articulem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, cabe sublinhar a importância do presente estudo, em especial no que tange à formação dos estudantes de psicologia, pois se trata aqui de uma introdução a uma concepção filosófica do mundo, que entende o homem como um ser histórico e socialmente determinado. E se o objetivo do ensino em psicologia é estudar o humano no sentido psicológico e social, então o estudo à guisa dos pressupostos onto-históricos parece-nos corresponder a essa finalidade, sendo uma base inicial para a sua consolidação. É importante reconhecer a origem do todo, recuperar a história do ser social, para que nos apropriemos, de fato, de conhecimentos enriquecedores, sobretudo em relação às teorias e abordagens psicológicas, compreendendo-as mais ampla e criticamente, haja vista termos agora o conhecimento do homem em seu sentido onto-histórico e os caminhos percorridos histórica e socialmente pela humanidade. Temos, enfim, a possibilidade de nos compreender em nossa totalidade.

## REFERÊNCIAS

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. *Valorização ou Esvaziamento do Trabalho do Professor?* São Paulo: Autores Associados, 2004.

LESSA, Sérgio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. 3ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

BOCK, Ana. *A Psicologia no Brasil*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500013>. Acesso em novembro de 2012.

TONET, Ivo. *Sobre o socialismo*. Maceió: HD Livros, 2002.

\_\_\_\_\_. *Educação contra o capital*. Maceió: EDUFAL, 2007.

TULESKI, Silvana. “Reflexões sobre a gênese da psicologia científica”. In: DUARTE, Newton (org.). *Crítica ao Fetichismo da Individualidade*. São Paulo: Autores Associados, 2004.